DOI: http://dx.doi.org/10.1590/2316-4018461

Apresentação

Infância na literatura brasileira contemporânea: tema, conceito, poética

Anderson Luis Nunes da Mata[1]

Qual é o lugar da infância na literatura brasileira contemporânea? Essa pergunta, de caráter amplo, pode obter diferentes respostas, a depender do lugar de onde se elabora a resposta. Caso se olhe para a questão a partir dos estudos da literatura infantojuvenil, a infância ocupa lugar de destaque: grande parte das personagens são crianças, a infância é abordada como tema a partir de diferentes perspectivas, e mesmo a linguagem é afetada por uma poética da infância que busca traduzir a perspectiva infantil para os aspectos formais do texto. Porém, ao nos voltarmos para a produção que não está segmentada no universo de leitores infantis, a infância se transforma em tema periférico. Em estudo sobre o romance brasileiro contemporâneo, Regina Dalcastagnè (2005, p. 37), aponta que apenas 7,9% das personagens masculinas e 6,4% das personagens femininas têm suas infâncias representadas nos textos. Esses dados levam em consideração os textos em que as personagens são crianças em qualquer ponto da narrativa, o que nos leva a supor que o número de personagens que permanecem crianças ao longo de todo um romance seja ainda menor.

Desse modo, percebe-se que, mesmo com toda a importância que a infância ganhou ao longo do século XX na filosofia, na medicina e nas políticas públicas, por meio da especialização de saberes voltados para a compreensão dos dilemas específicos enfrentados pelos sujeitos que ocupam essa faixa etária, sua presença na literatura não é tão ampla. No entanto, embora limitada do ponto de vista quantitativo, ela é significativa, se considerarmos o investimento na reflexão sobre o papel formativo e determinante da infância, como na obra de autores capitais para as literaturas do século XX, como Marcel Proust e Graciliano Ramos, ou da investigação do universo infantil e seu potencial criativo

[1] Doutor e professor de teoria literária da Universidade de Brasília (UnB), DF, Brasil. E-mail: andersonmata@hotmail.com

de transformação da própria linguagem literária, como na obra de Lewis Carroll e de Manoel de Barros.

Quando se fala da "representação da infância" na literatura, portanto, pode-se olhar de longe, para os números, que refletem regularidades e nos dão gráficos desanimadores no que se refere à multiplicidade de pontos de vista representados nesses textos. Se uma perspectiva é determinada pelo corpo a partir do qual se constitui um ponto de vista e se exprime um mundo, como nos lembra Eduardo Viveiros de Castro (2013, p. 358 e 385), a presença limitada dos corpos infantis nas narrativas contemporâneas apaga a possibilidade do surgimento desses mundos, que a própria literatura já demonstrou ser um espaço privilegiado de exercício da criatividade, como na obra dos já citados Carroll e Barros, aos quais poderiam se juntar Carlo Collodi, Monteiro Lobato, Maurice Sendak e Lygia Bojunga, entre tantos outros.

Existe, porém, outro modo de olhar para o problema, no exercício da crítica que enxerga para o que há (e não apenas acusa a ausência), olhando de perto os textos que trazem a infância para o universo da literatura, ao propor um pensamento crítico acerca dos mundos constituídos por esse corpo infantil. Assumindo que a discussão sobre a autoria infantil ainda se encontra longe de ser feita pelo campo literário, parte-se da premissa de que a criança se faz presente nesse campo como personagem, narradora e leitora, isto é, a infância emerge como tema, como conceito e como plataforma para uma poética engendrada pelo infantil.

Tema

Assim, em um primeiro momento, ao se tratar da representação da infância na literatura, tem-se em mente a tematização da infância a partir de personagens infantis e de suas experiências. Há aqui o entendimento da representação como mera recriação verossimilhante das crianças, de seus gestos, dos espaços em que elas circulam e da configuração social na qual estão inseridas.

A crítica literária, no Brasil, consagrou alguns poucos trabalhos a essa discussão (Resende, 1988; Mata, 2010; Coutinho, 2012), que consistiam no mapeamento mais ou menos consistente dos textos em que a infância era tema da narrativa e na análise da verossimilhança dessa representação.

Embora esse seja um aspecto relevante na discussão sobre a presença da infância na literatura, ele não pode pretender ser seu ponto de chegada, pois a infância pode operar nos textos literários para além da tentativa de se narrar a vida social das crianças.

Nesse sentido, a infância pode ser um simples tópico explorado pelo autor, em textos nos quais a criança é narrada por um olhar externo e a infância se transforma em um tema visto de fora, seja pelo viés da nostalgia, da denúncia ou do estranhamento, sem que haja uma tentativa de se recriar um mundo afetado pelo olhar infantil. É o que acontece, por exemplo, no romance *Infância dos mortos*, de José Louzeiro (1977), texto escrito a partir de reportagem sobre crianças de rua, pioneiro na discussão sobre a infância nos grandes centros urbanos brasileiros, em que o narrador apresenta um olhar externo, atravessado por uma compaixão que, ao mesmo tempo que o aproxima afetivamente das crianças de rua ali representadas, distancia-o da perspectiva de mundo que elas poderiam articular.

Conceito

É comum que, ao lado de uma crítica social ou de uma descrição de costumes, haja um tensionamento simbólico ou alegórico, que posiciona a infância como um significante relacionado a múltiplos significados. Herança do pensamento romântico, essa perspectiva afeta os textos de modo a fazer a personagem infantil carregar o fardo de representar ou a inocência, ou a sabedoria, ou o novo, ou a promessa de futuro, ou a combinação de duas ou mais dessas variáveis (Mata, 2010). Esse movimento, ao mesmo tempo que pode levar ao esvaziamento da dimensão política do texto que lidaria com a crítica, articulada pela tematização, do lugar social da infância, tem o condão de garantir maior gravidade (e importância) à infância enquanto tópico, agora transformada em tropo. Evitando-se o risco do esvaziamento político da infância, tratada como signo mítico nos termos de Barthes (2009, 234-5), pode-se, por exemplo, chegar à recriação da infância como a que Conceição Evaristo faz da menina protagonista de *Becos da memória* (2013). Enquanto elabora a nostalgia da infância como tempo de inocência, o texto denuncia a sobrevivência precária, decorrente da vivência da pobreza em um espaço periférico.

É evidente que essa crítica já poderia estar esvaziada de antemão do potencial transformador da literatura se apenas se calcasse na denúncia de um ou outro aspecto relativo à infância. Porém, se uma poética infantil pudesse emergir dessa representação – desde que o próprio termo representação pudesse ser ressignificado como um processo que está além da tematização, na construção de um ponto de vista – a politização da elaboração literária da infância ganharia uma outra dimensão – mais complexa – já que transformaria o próprio modo de fazer a narrativa num *devir-criança*, como sugere Gilles Deleuze acerca dos devires outros da língua (1997, p. 13 e 16).

Esse é, por exemplo, o difícil lugar da infância como está colocado nos contos de Clarice Lispector que tratam ou tangenciam essa questão. Remetendo-se, pelo amplo manejo de recursos trópicos, a um investimento simbólico nas vivências infantis, seus textos parecem fazer referência a algo que está além de si. Toda a tensão social, de classe e de negação de afeto, que está colocada, por exemplo, nos contos "Felicidade clandestina" e "Restos do carnaval" (Lispector, 2005), pode ser esvaziada por uma leitura que se debruce sobre a simbolização dos ritos de passagem de maturação sexual contidos no texto – como a figuração do livro-amante, em "Felicidade clandestina", e da polinização da flor, em "Restos do carnaval". Deve-se ressaltar que o texto, na sua forma (nas metáforas evocadas pelo léxico selecionado, bem como no encadeamento dos eventos) provoca essa leitura dirigida à figuração da passagem da infância para a adolescência. Porém, há também um esforço para o deslocamento em direção à infância, que mantém latentes outras questões. Quem é essa narradora adulta e vingativa que desmonta a reputação da amiga da menina de "Felicidade clandestina"? Quem é essa narradora culpada, mas magoada, que tripudia da figura enferma da mãe em "Restos do carnaval"? Essas narradoras adultas são capazes de recriar as meninas que foram? Ou apenas projetam as sombras do rancor, da mágoa e da nostalgia que restaram em si nessas crianças ficcionais? A aproximação delas desse ser infantil, consciente de que se está numa zona de aproximação, é o que politiza o texto. Esse devir-criança levaria o texto à invenção de um "povo que falta", como reivindica Deleuze (1997, p. 16), e, ao inventá-lo, ele passa a operar os deslocamentos identitários, epistemológicos e espaço-temporais que constituem o exercício ético da literatura.

Poética

Como devir criança em um texto literário? Essa é a pergunta que contém a principal aporia instalada nessa discussão. Se a infância é caracterizada pela impossibilidade de falar, a fala infantil é, logo, uma fala impossível – ou, quando imaginada, uma fala falsa.

Quando se está pensando na possibilidade de uma complexificação do conceito de representação, um dos aspectos a serem levados em consideração é o fato de que o processo é uma relação estabelecida entre a representação e seu referente. Por detrás do termo *relação*, aqui, está presente a ideia de uma negociação. O significante e seu significado, nesse caso, negociariam o modo como o primeiro se expressa em nome do segundo. Ao mesmo tempo, o significado, pode ser afetado pelo modo como a significação se dá. Ou seja, a infância, como aparece na literatura, pode alterar o modo como a infância é percebida fora dela – por um público de adultos ou de crianças. Entrementes, a infância fora da literatura pode cobrar da sua representação literária a já tradicional verossimilhança, mas traduzida em um gesto ético.

É nesse espaço que a fala da criança, enquanto voz que se articula no texto, pode ser um atestado de superação da infância. Artificiosa, essa fala quase sempre é elaborada por um autor/narrador/personagem adulto que retoma uma infância, sua ou não. Desse modo, ela contém em si mesma o atestado de que não é uma fala infantil, pois o in-fante não fala, não diz, não se faz ouvir. Essa aparente impossibilidade, no entanto, tenta ser superada pelo exercício da memória ou da observação. É aí que entra o narrador que lembra ou o narrador que descreve. A infância, nesses casos, surge como nostalgia ou trauma, na memória; encantamento ou perversidade, na observação. Os aspectos simbólicos e alegóricos da infância, nesses casos, combinam-se com a tematização, constituindo planos de leitura que se articulam, ora em paralelo, ora se entrecruzando. O falseamento, nesses casos, mantém a tensão com o referente impossível por meio da artificialidade manifesta. É ela que garante a politização do processo representacional da infância, sem necessariamente resvalar no paradoxo da fala do subalterno de Gayatri Spivak (2014).

Essa política da significação, contida no processo representacional, tem ainda um outro termo, que é o público. Essa relação entre representação e referente não ocorre fora do olhar do observador que a constitui. Nesse sentido, os públicos são diversos: adultos e crianças,

diante dos mesmos objetos, podem enxergar tramas diferentes nos fios que atam os termos dessa relação, configurando-se eles próprios em um terceiro termo, no modo como propõem, a respeito do conceito de representação, Ella Shohat e Robert Stam (2004, p. 298-99). A representação, enquanto tal, tem como condição a relação com o público, com o reconhecimento que ele é capaz de fazer dos liames estabelecidos entre representação e referente. É aí que, no processo mimético, entra em jogo o reconhecimento[2] como o gatilho para que o processo de representação literária, ou mimese, se consolide.

Nesse aspecto, tanto o estudo da recepção, pensado a partir (e no interior) das diferentes faixas etárias, quanto a reflexão teórica dos leitores inventados, selecionados e interpelados pelo próprio texto, são caminhos a serem perseguidos pela crítica e pela teoria literária preocupada com as relações entre infância e literatura. É nesse momento que toda a discussão acerca dos limites éticos dos jogos de identificação propostos pelos textos aos seus leitores infantis é fundamental. E é também pensando nesses leitores infantis, e no seu papel no processo de construção de reconhecimentos no texto, que o dogma que faz equivaler a infância ao silêncio pode ser contestado e desfeito; pois dizer que o infantil depende do silêncio é, de alguma maneira, perpetuar o silenciamento da criança enquanto agente social – e também enquanto voz literária.

Proposta

Se a representação da infância pode ir além da tematização e da simbolização, fazendo com que esses dois percursos possam atingir o processo de criação literária, que se dá em múltiplas vias (entre autores e texto, texto e leitores, texto e referentes, leitores e referentes, leitores e autores), tem-se o delineamento de uma poética da infância na literatura, bem como de uma proposta de direcionamento para os modos como a crítica e a teoria literária podem se acercar do problema.

Por meio do devir-criança abre-se a brecha para a construção de uma linguagem, ainda pouco explorada, para se pensar a literatura a partir da infância – não a infância como uma alegoria da origem ou do porvir ou

[2] Nessa mesma direção, Paul Ricoeur (2010) já havia proposto o reconhecimento (ou reconfiguração) como parte indissociável do processo mimético, em formulação acompanhada por Compagnon (1999). Luiz Costa Lima (2000; 2013) também propõe o conceito de representação-efeito a fim de apontar a importância da recepção no fenômeno da mimese.

como o símbolo de uma miragem do novo e da pureza, como a própria materialização da essência; mas a infância como um outro modo de ver e criar o mundo, como uma poética, capaz de articular de um ponto de vista deslocado, que pode, sim, conter também, mas não apenas, o arcaico, a origem, o novo, a promessa e a pureza. A infância como um lugar de onde poderá partir algo ainda impensado e as possibilidades de surpreender a linguagem que daí decorrerem, levando em consideração tanto a elaboração mais abstrata de um conceito de infância quanto a inscrição da criança como sujeito social, que se relaciona com outras crianças, com os adultos e com as instituições.

A partir dessa proposta, portanto, formula-se a pergunta: É possível pensar em uma poética que seja constituída a partir da infância articulada como uma ferramenta da crítica e da teoria para alterar os modos de ler a literatura? Os artigos reunidos no dossiê deste número de *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, organizado por mim e por Mirian Hisae Yaegashi Zappone, investigam essas possibilidades por meio da crítica à representação da infância nos textos literários dirigidos ao público em geral ou ao público infantojuvenil, do questionamento do lugar da criança como leitora e dos problemas envolvidos nas mediações institucionais e tecnológicas de suas práticas de letramento literário, além da investigação acerca de uma poética da infância.

Referências

BARTHES, Roland (2009). *Mitologias*. Tradução de Rita Buongermino, Pedro de Souza e Rejane Janowitzer. Rio de Janeiro: Difel.

CASTRO, Eduardo Viveiros de (2013). Perspectivismo e multinaturalismo na américa indígena. In: CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.

COMPAGNON, Antoine (1999). *O demônio da teoria*. Tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: UFMG.

COSTA LIMA, Luiz (2000). *Mimese*: desafio ao pensamento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

COSTA LIMA, Luiz (2013). *Frestas*: teorização em um país periférico. Rio de Janeiro: Contraponto/ PUC-Rio.

COUTINHO, Fernanda (2012). *Representações da infância na literatura*. Rio de Janeiro: Makunaima.

DELEUZE, Gilles (1997). A literatura e a vida. In: DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34.

DALCASTAGNÈ, Regina (2005). A personagem do romance brasileiro contemporâneo 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 13-72, jul./dez.

EVARISTO, Conceição (2013). *Becos da memória*. Florianópolis: Mulheres.

LISPECTOR, Clarice (2005). *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco.

LOUZEIRO, José (1977). *Infância dos mortos*. São Paulo: Record.

MATA, Anderson Luís Nunes da (2010). *O silêncio das crianças*: representações da infância na narrativa brasileira contemporânea. Londrina: Eduel.

RESENDE, Valéria (1988). *O menino na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva.

RICOEUR, Paul (2010). *Tempo e narrativa*. Tomo 1: A intriga e a narrativa histórica. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert (2004). *Crítica da imagem eurocêntrica*. Tradução de Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify.

SPIVAK, Gayatri (2014). *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG.